

## **Relações da teoria da estruturação com a comunicação organizacional<sup>1</sup>**

**Adriana Machado Casali**

Professora Adjunta UFPR – Universidade Federal do Paraná

Doutoranda – Universidade de Montreal

### **Resumo**

A teoria da estruturação é uma teoria social contemporânea que integra perspectivas funcionalistas e interpretativas. Além de sugerir compreensões inovadoras da comunicação ao incorporá-la em seus pressupostos básicos, a teoria da estruturação oferece um referencial de análise distinto para a comunicação organizacional. Neste ensaio discutem-se duas proposições contrárias; a proposta de que a teoria da estruturação apresenta-se como uma ontologia aos estudos em comunicação organizacional e a recomendação de que os estudos retóricos e de comunicação deveriam ser tomados como ontologia da teoria da estruturação. Como conclusão sugere-se que, da mesma forma como Giddens congrega duas correntes de pensamento antagônicas, a pesquisa em comunicação organizacional incorpore a teoria da estruturação como ontologia e seja um referencial ontológico para a teoria da estruturação.

**Palavras-chave:** teoria da estruturação; comunicação organizacional; pesquisa.

### **Introdução**

As associações entre comunicação e teoria da estruturação, iniciam-se em sua própria postulação e estendem-se às suas aplicações em pesquisa. Embora sejam múltiplos os pontos de intersecção, neste ensaio serão explorados dois aspectos específicos. Primeiramente, apresenta-se um panorama genérico da teoria da estruturação enfatizando a comunicação como um elemento desta. O segundo tema de congruência, destacado por Giordano (1998), refere-se ao modo pelo qual a teoria da estruturação promove uma compreensão distinta da comunicação organizacional. Neste sentido, observam-se duas percepções distintas. De um lado, encontra-se a proposta de Banks e Riley (1993) de que a teoria da estruturação poderia ser adotada como ontologia para a pesquisa em comunicação. Por outro lado, discute-se a análise de Conrad (1993), o qual sugere que a pesquisa em retórica e comunicação seja utilizada enquanto ontologia da teoria da estruturação.

---

<sup>1</sup> Texto submetido ao GT – Teorias, história e metodologia dos estudos em Comunicação Organizacional e Relações Públicas, do I Congresso Brasileiro Científico de Comunicação Organizacional e de Relações Públicas. Em caso de não aceitação e/ou publicação favor não citar sem autorização da autora.

Diante destes posicionamentos, neste ensaio sugere-se que, da mesma forma como Giddens congrega duas correntes de pensamento antagônicas, a pesquisa em comunicação organizacional incorpore a teoria da estruturação como ontologia e seja um referencial ontológico para a teoria da estruturação.

### **A Comunicação na Teoria da Estruturação**

Giddens (1984) oferece uma explicação ímpar da realidade social que combina análises processuais e estruturais utilizando tanto aspectos subjetivos como objetivos. Sua obra conjuga dois extremos do referencial de análise proposto por Burrell e Morgan (1979): o funcionalismo/estruturalismo e a hermenêutica/interpretiva. De forma bastante sintética pode-se dizer que Giddens admite a existência de uma realidade objetiva externa ao sujeito, mas postula que tal realidade é produzida e reproduzida pela ação individual.

O domínio básico de estudo das ciências sociais, de acordo com a teoria da estruturação, não é a experiência do ator individual nem a existência de qualquer forma de totalidade social, mas as práticas sociais ordenadas no espaço e no tempo. As atividades sociais humanas, à semelhança de alguns itens auto-reprodutores na natureza, são recursivas. Quer dizer, elas não são criadas por atores sociais mas continuamente recriadas por eles através dos próprios meios pelos quais eles se expressam como atores. Em suas atividades e através destas, os agentes reproduzem as condições que tornam possíveis essas atividades (GIDDENS, 2003, p. 2-3).

Segundo Marshall e Barthel (1996), Giddens tenta transcender a tradicional dicotomia sociológica entre ação e estrutura focando nas práticas sociais, as quais, produzem e são produzidas por estruturas. A noção de “dualidade da estrutura” apresenta-se como um contraponto ao tradicional dualismo das visões deterministas e voluntaristas da natureza humana. Deterministas compreendem a realidade social como anterior e constritiva da ação individual. Voluntaristas concebem os indivíduos com atores livres que criam a realidade de acordo com seus desejos. Giddens substitui estes pólos opostos com o conceito interpenetrante de “dualidade da estrutura” “no qual sujeitos e objetos são construções racionalizadas retrospectivamente como resultado de um monitoramento contínuo do fluxo de atividades” (TAYLOR et al, 2001, p.37, tradução nossa).

Giddens localiza sua análise na ação individual e discute as peculiaridades da noção de agenciamento. Ele apresenta uma interpretação distinta da intencionalidade das ações. Diferenciando propósitos, motivações, intenções e razões, Giddens define os seres humanos como agentes intencionais e explica como as ações podem produzir conseqüências não

intencionais. Segundo Banks e Riley (1993) a influência das conseqüências impremeditadas das ações, assim como as contradições entre as propriedades estruturais do sistema cronicamente reproduzidas são as idéias centrais da teoria estruturação. Adotando a linguagem como exemplo, Giddens (2003) demonstra como as conseqüências não intencionais das ações reproduzem estruturas “uma das conseqüências normais de eu falar ou escrever de um modo correto em inglês é contribuir para a reprodução da língua inglesa como um todo. O fato de eu falar inglês corretamente é intencional; a contribuição que eu dou para a reprodução da língua não é” (p. 9). Desta forma, a construção de estruturas e sistemas sociais são conseqüências impremeditadas da ação individual.

Outro ponto importante da noção de agenciamento é a “cognoscitividade”<sup>2</sup> do ator sobre como seguir vivendo. “[A] consciência das regras sociais, expressa sobretudo na consciência prática, é o próprio âmago daquela ‘cognoscitividade’ que caracteriza especificamente os agentes humanos” (GIDDENS, 2003, p. 25). Os agentes racionalizam suas ações, constituindo uma consciência discursiva e prática do que realizam e produzindo a monitoração reflexiva da ação.

É a forma especificamente reflexiva da cognoscitividade dos agentes humanos que está mais profundamente envolvida na ordenação recursiva das práticas sociais. A continuidade de práticas presume reflexividade, mas esta, por sua vez, só é possível devido à continuidade de práticas que as tornam nitidamente “as mesmas” através do espaço e do tempo. Logo, a “reflexividade” deve ser entendida não meramente como “autoconsciência”, mas como caráter monitorado do fluxo contínuo da vida social. (GIDDENS, 2003, p. 3).

Portanto, a reflexividade fundamenta-se “na monitoração contínua da ação que os seres humanos exibem, esperando o mesmo dos outros. A monitoração reflexiva da ação depende da racionalidade, entendida aqui mais como um processo do que como um estado” (GIDDENS, 2003, p.4-5). “Monitoração reflexiva”, “racionalização” e “motivação” são processos fusionados na ação. Por enfatizar ações e interações a teoria da estruturação destaca o papel da comunicação na construção do social. O papel da comunicação na teoria da estruturação é complexo, para compreendê-lo é preciso conhecer as formulações centrais da teoria da estruturação – estrutura, sistema e dualidade do sistema – resumidamente definidas por Giddens (2003) da seguinte forma:

A estrutura, como conjuntos de regras e recursos recursivamente organizados, está fora do tempo e do espaço, exceto em suas exemplificações e coordenação como traços mnêmicos, e é marcada por uma “ausência do sujeito”. Os sistemas sociais em que a

---

<sup>2</sup> Segundo o glossário de terminologia da teoria da estruturação, cognoscitividade refere-se a “tudo que os atores sabem (crêem) acerca das circunstâncias de sua ação e da de outros, apoiados na produção e reprodução dessa ação incluindo tanto o conhecimento tácito quanto o discursivamente disponível” (GIDDENS, 2003, p.440)

estrutura está recursivamente implicada, pelo contrário, compreendem as atividades localizadas dos agentes humanos, reproduzidas através do tempo e do espaço. Analisar a estruturação de sistemas sociais significa estudar os modos como tais sistemas, fundamentados nas atividades cognitivas de atores localizados que se apóiam em regras e recursos na diversidade de contextos de ação, são produzidos e reproduzidos em interação. Crucial para a idéia de estruturação é o teorema da dualidade da estrutura (...) De acordo com a noção de dualidade da estrutura, as propriedades estruturais do sistema são ao mesmo tempo, meio e fim das práticas que elas recursivamente organizam (p. 29-30).

A comunicação na teoria da estruturação situa-se na noção de “dualidade da estrutura”. Ao explicar o processo de produção da realidade social, Giddens define que a “dualidade da estrutura” possui três dimensões: significação, dominação e legitimação. Cada uma destas dimensões relaciona-se a uma modalidade e esta por sua vez relaciona-se a uma forma de interação, conforme ilustrado na Figura 1.

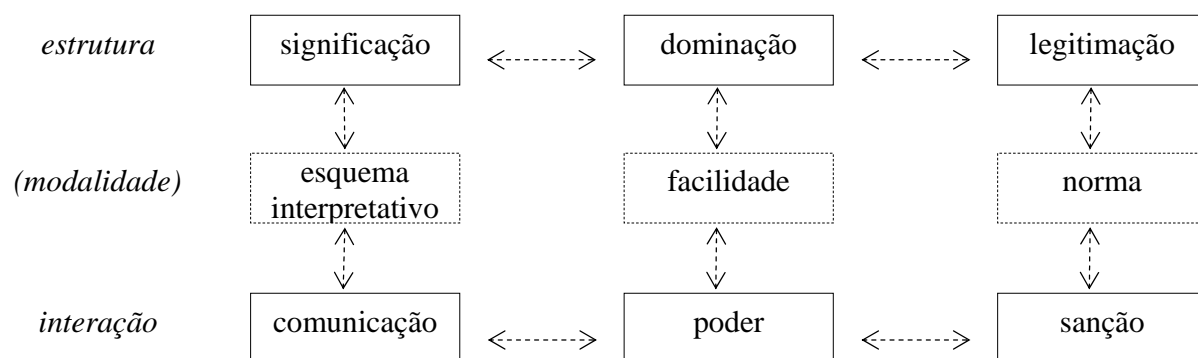


Figura 1 – Dimensões da dualidade da estrutura

Fonte: Giddens (2003, p.34)

Assim sendo, na teoria da estruturação a comunicação é o elemento de interação relacionado a dimensão de significação “dualidade da estrutura”. Giddens (2003) assinala que “a comunicação, como elemento geral da interação, é um conceito mais abrangente do que intenção comunicativa (isto é, o que um ator ‘quer’ dizer ou fazer)” (p. 35). Significação é um construto peculiar no trabalho de Giddens. Para o autor, a comunicação refere-se aos padrões sistêmicos de produção de sentido, os quais constituem a dimensão estrutural de significação através da modalidade de esquemas interpretativos (TAYLOR et al., 2001). Devido ao escopo deste ensaio a descrição da “dualidade da estrutura” restringe-se a dimensão da significação.

Caracterizada como um dos elementos da teoria da estruturação, a comunicação é central para compreensão dos modos de produção e reprodução da realidade social, visto que a

comunicação possibilita o compartilhamento de significados nas sucessivas interações que compõem as práticas cotidianas. Segundo Banks e Riley (1993) a comunicação é destaque no repertório de idéias e no vocabulário da teoria da estruturação, afinal é por meio da comunicação que se realizam as ações individuais que criam e recriam estruturas e sistemas sociais.

### **Teoria da Estruturação e Comunicação Organizacional**

A teoria da estruturação tem fundamentado inúmeras obras em comunicação organizacional. Encontram-se referências ao trabalho de Giddens nas publicações de Putnam e Pacanowsky (1983); Jablin et al. (1987); Boden (1994); Alvesson (1996); Witmer (1997); Corman e Poole (2000); Taylor e Van Every (2000); Jablin e Putnam, L. (2001), Westwood e Linstead (2001), Taylor et al. (2001), Reis (2002), May e Mumby (2005); Shepherd, St. John e Striphas (2006); Cooren, Taylor e Van Every (2006), entre outros. Dentre estas obras encontram-se desde contribuições teóricas sobre a natureza da relação comunicação e organização, até análises particulares sobre comunicação e temas específicos, tais como: cultura, mudança, poder, redes e estruturas, linguagem e novas tecnologias.

Contudo, a maior contribuição da teoria da estruturação para os estudos em comunicação organizacional parece ser, como sugere Miller (2000), a possibilidade que a teoria da estruturação sirva enquanto ponte para sobrepor barreiras paradigmáticas e construir um base propícia para a construção de um campo comum aos estudos em comunicação organizacional. As barreiras paradigmáticas citadas por Miller (2000), são explicitadas por Putnam (1982) e debatidas na obra de Corman e Poole (2000). Segundo a revisão de literatura realizada por Casali (2004, 2006) estes paradigmas referem-se a abordagens funcionalistas, interpretativas e críticas da comunicação organizacional.

Giordano (1998) explica as diferentes compreensões da comunicação organizacional enquanto três perspectivas básicas: (a) perspectiva instrumental (foco nos instrumentos e dispositivos tecnológicos para transmissão de informação); (b) perspectiva dos atores (centrada na diversidade da capacidade de interpretação dos atores enquanto emissores e receptores de mensagens); e (c) perspectiva relacional (comunicação é um processo inscrito num contexto de relações entre atores, o qual está sendo ou está para ser construído). Embora a autora afirme que a teoria da estruturação destaque a visão interacionista, ou relacional da comunicação

organizacional, ela reconhece que sob a compreensão social oferecida pela teoria da estruturação as distinções explicativas da comunicação organizacional encontram-se mescladas na realidade.

Assim sendo, quando se estuda a comunicação organizacional a luz da teoria da estruturação compreende-se que as perspectivas funcionalistas, interpretativas e críticas são complementares. Giordano (1998) destaca três linhas de pesquisa em comunicação organizacional que podem ser particularmente enriquecidas pela teoria da estruturação, são elas:

- a dimensão comunicacional da coordenação e cooperação no trabalho;
- tecnologia da informação e estruturação de interações; e
- a concepção das organizações enquanto práticas discursivas.

As proposições de Giordano (1998), são exemplos da forma pela qual a teoria da estruturação pode orientar as pesquisas em comunicação organizacional. Todavia, Banks e Riley (1993) advertem que muitos estudos em comunicação aplicam a teoria da estruturação de forma problemática porque não elucidam como a estruturação orienta a escolha de problemas e resultados de pesquisa. Outra utilização indevida da teoria da estruturação destacada por esses autores é seu emprego superficial como vocabulário descritivo para fornecer relatos *post hoc* de categorias e experiências estabelecidas *a priori*.

Por vezes ainda, a teoria da estruturação é inadequadamente aplicada como uma metateoria. Para evitar esse emprego inapropriado, Banks e Riley (1993) sugerem que a teoria da estruturação deveria ser uma ontologia para a pesquisa em comunicação. Os autores exemplificam essa proposição utilizando os princípios da teoria da estruturação na análise de uma reunião em uma empresa multinacional. Tal análise vai além dos enunciados proferidos e explica como estas expressões reproduzem e reforçam as estruturas presentes no contexto organizacional. Além disso, Banks e Riley (1993) observam as regras, recursos e esquemas interpretativos presentes nesse ato de comunicação, bem como as conseqüências não intencionais desta ação. Desta forma, os autores analisam a reunião, enquanto evento de comunicação, tendo a teoria da estruturação como ontologia, isto é a descrição da realidade formulada por Giddens é a forma pela qual eles compreendem o mundo social. Os elementos da teoria da estruturação e a relação entre eles são os pressupostos básicos da pesquisa de Banks e Riley (1993). É esse tipo de análise que os autores sugerem que seja utilizada na pesquisa em comunicação organizacional que aplica os pressupostos da teoria da estruturação.

Por outro lado, Conrad (1993) sugere que o potencial de integração da teoria da estruturação com a pesquisa em comunicação reside nas contribuições que cada área pode trazer para a outra. Segundo esse autor a comunicação pode elucidar aspectos problemáticos da teoria da estruturação. A crítica inicial desse autor reside na analogia lingüística entre regras e recursos. Para Conrad (1993) a teoria da estruturação repousa numa perspectiva interacionista mas não considera a análise transacional onde o simbolismo e os processos de criação de significados são centrais.

Outra observação de Conrad (1993) refere-se a análise de instituições e organizações realizada por Giddens, para esse autor, Giddens separa estado e instituições econômicas mas não demonstra como organizações e instituições interagem. Além disso, a teoria da estruturação foca na ação individual e desconsidera a ação organizacional.

Apesar de Giddens reconhecer a intencionalidade das ações organizacionais e ilustrar essas ações em definições legais ele não identifica a propriedade de agenciamento das organizações.

Fala-se de coletividades como se fossem agentes, mas isto é apenas metafórico. É presumir certas qualidades que eles possuem no todos – empresas orientadas para o lucro, por exemplo, ou hospitais preocupados em curar pessoas. Mas os únicos agentes verdadeiros são indivíduos humanos. (GIDDENS e PIERSON, 1998, p87-88, tradução nossa).

Desta forma, para Giddens as ações organizacionais são um mito e as organizações não podem ser consideradas como agentes sociais, muito embora elas pareçam ser. Para ele, apenas os seres humanos são agentes e suas ações dão as organizações a ilusão de possuírem agenciamento próprio. Neste sentido, Giddens distancia-se das proposições de Callon e Latour (1981), Callon (1986), Latour (1994), e Engeström (1987), os quais reconhecem a capacidade de agenciamento de objetos materiais quando investidos de intencionalidade humana. Sob essa perspectiva as organizações tornam-se agentes sociais.

Contudo, Giddens não considera coletivos, tais como as organizações, enquanto agentes reais. Ao excluir as organizações de sua análise, Giddens desconsidera uma larga dimensão da dinâmica social. Afinal, como destaca Etzioni (1962, 1964) uma característica marcante da sociedade é a vida organizacional. Deetz (1992) afirma que as organizações tornaram-se uma instituição central da sociedade moderna. Isto é, as organizações formam a matriz da sociedade (BODEN, 1994).

Muitas das limitações estruturais impostas a ação humana são de natureza organizacional e institucional. A sociedade é composta de coletivos e talvez a pesquisa em comunicação organizacional possa contribuir com a teoria da estruturação ao incluir o ponto de vista organizacional na análise da vida em sociedade. A contribuição da comunicação organizacional reside na compreensão da capacidade de agenciamento das organizações e no reconhecimento destas enquanto agentes sociais. Por isso Conrad (1993) sugere que a teoria da estruturação tome os estudos em comunicação organizacional como referência.

Embora as organizações possam ser interpretadas pela teoria da estruturação enquanto sistemas ou estruturas, a dinâmica organizacional merece maior atenção nesta destacada análise da realidade social. Segundo Clegg (apud CONRAD, 1993) “a ontologia de Giddens, dificulta a incorporação de coletivos (por exemplo organizações enquanto atores) como agentes na teoria da estruturação” (p.200, tradução nossa).

### **Considerações finais**

A teoria da estruturação enfatiza a importância da comunicação, não apenas como elemento da interação social na “dualidade da estrutura”, mas também como elemento essencial na produção e reprodução da realidade social. Na dimensão da significação Giddens reinterpreta conceitos sociológicos e inspira leituras inovadoras do fenômeno comunicacional.

A principal contribuição da teoria da estruturação aos estudos em comunicação organizacional, seria reconhecer a complementaridade das abordagens funcionalistas, interpretativas e críticas. Apesar de não considerar organizações como agentes sociais, a teoria da estruturação é uma proeminente teoria da dinâmica social. Utilizada como ontologia, ou fonte de reflexão, a teoria da estruturação tem sido largamente aplicada nas pesquisas em comunicação organizacional com resultados interessantes. Seja com o uso da teoria da estruturação na condução de estudos em comunicação organizacional ou pelo emprego dos pressupostos de base da comunicação organizacional na elucidação da teoria da estruturação, o intercâmbio é construtivo. Independentemente do tipo de relação estabelecida entre a teoria da estruturação e as pesquisas em comunicação organizacional, faz-se necessária a manutenção deste diálogo teórico.

Da mesma forma como Giddens associou perspectivas sociológicas funcionalistas e interpretativas, a pesquisa em comunicação organizacional pode integrar-se a teoria da estruturação. As duas perspectivas possíveis – da pesquisa em comunicação organizacional

incorporar a teoria da estruturação como ontologia e de que esta seja um referencial ontológico para a teoria da estruturação – podem ser integradas de modo frutífero. Assim como Giddens propõem o “caminho do meio” entre perspectivas objetivas e subjetivas da realidade, as pesquisas em comunicação organizacional também devem buscar o “caminho do meio” na aplicação das proposições de Giddens.

## Referências

ALVESSON, M. **Communication, power and organization**. Berlin ; New York: Walter de Gruyter. 1996. xii, 225 p. (De Gruyter studies in organization ; 72).

BANKS, S. P.; RILEY, P. Structuration theory as an ontology for communication research. **Communication Yearbook**, v.16, p.167-196, 1993.

BODEN, D. **The business of talk: Organizations in action**. London ; Cambridge, Mass.: Polity Press. 1994. 272 p.

BURRELL, G.; MORGAN, G. Part I: In Search of a Framework. In: Burrell, G. ; Morgan, G. (Ed.). **Sociological Paradigms and Organisational Analysis: Elements of Sociology of Corporate Life**. London: Heinemann, 1979. p.1-37.

CASALI, A. M. **Paradigmas em Comunicação Organizacional**. Congresso Latinoamericano de Investigadores de la Comunicación ALAIC 2004 - GT Comunicação Organizacional y Relaciones Públicas. La Plata / Argentina, 2004. p.

\_\_\_\_\_. **Comunicação organizacional em fusões e aquisições internacionais**. (Tese (Doutorado em Engenharia de Produção e Sistemas) Universidade Federal de Santa Catarina). Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção e Sistemas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006. 203 p.

CALLON, M. Some elements of a sociology of translation: Domestication of the scallops and the fishermen of Briec Bay. In: Law, J. (Ed.). **Power, action, and belief: A new sociology of knowledge**. London; Boston: Routledge and Kegan Paul, 1986. p.196-233.

CALLON, M.; LATOUR, B. Unscrewing the big Leviathan: How actors macro-structure reality and how sociologists help them to do so. In: Knorr-Cetina, H. ; Cicourel, A. V. (Ed.). **Advances in social theory and methodology: Toward an integration of micro and macro sociologies**. London, Boston: Routledge and Kegan Paul, 1981. p.277-303.

CONRAD, C. Rhetorical/Communication Research as an Ontology for Structuration Research. **Communication Yearbook**, v.16, p.197-208, 1993.

COOREN, F.; TAYLOR, J. R.; VAN EVERY, E. J. **Communication as organizing : empirical and theoretical approaches into the dynamic of text and conversation**. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum. 2006 (LEA's communication series).

CORMAN, S. R.; POOLE, M. S. **Perspectives on organizational communication: finding common ground**. New York: Guilford Press. 2000. vi, 265 p. (The Guilford communication series).

DEETZ, S. **Democracy in an age of corporate colonization: developments in communication and the politics of everyday life**. Albany: State University of New York. 1992. xi, 399 p. (SUNY series in speech communication).

ENGESTRÖM, Y. **Learning by Expanding: an activity-theoretical approach to developmental research**. Helsinki, Finland: Orienta-Konsultit Oy. 1987. 368 p.

ETZIONI, A. W. **Complex organizations : a sociological reader**. New York: Holt Rinehart and Winston. 1962. xiv, 497 p.

\_\_\_\_\_. **Modern organizations**. Englewood Cliffs, N.J.: Prentice-Hall. 1964. vii, 120 -- p. (Prentice-Hall foundations of modern sociology series).

GIDDENS, A. **The Constitution of society**. Cambridge, MA: Polity. 1984

\_\_\_\_\_. **A Constituição da Sociedade**. São Paulo: Martin Fontes. 2003

GIDDENS, A.; PIERSON, C. **Conversations with Anthony Giddens : making sense of modernity**. Stanford, Calif.: Stanford University Press. 1998. ix, 233 p.

GIORDANO, Y. Communication et organizations: une reconsidération par la théorie de la structuration. **Revue de Gestion des Ressources Humaines**, v.26-27, p.20-35, 1998.

JABLIN, F. M., et al. **Handbook of organizational communication : an interdisciplinary perspective**. Newbury Park, Calif.: Sage Publications. 1987. 781 p.

JABLIN, F. M.; PUTNAM, L. **The new handbook of organizational communication : advances in theory, research, and methods**. Thousand Oaks, Calif.: Sage Publications. 2001. xxxi, 911 p.

LATOURE, B. On Technical Mediation - Philosophy, Sociology, Genealogy. **Common Knowledge**, v.3, n.2, p.29-64, 1994.

MARSHALL, G.; BARTHEL, D. L. **The Concise Oxford dictionary of sociology**. Oxford ; Toronto: Oxford University Press. 1994. viii, [573] p. (Oxford paperback reference).

MAY, S.; MUMBY, D. K. **Engaging organizational communication theory & research : multiple perspectives**. Thousand Oaks, CA: Sage Publications. 2005. ix, 308 p.

MILLER, K. I. Common ground from the post-positivist perspective: From "straw person" argument to collaborative coexistence. In: Corman, S. R. ; Poole, M. S. (Ed.). **Perspectives on organizational communication : finding common ground**. New York: Guilford Press, 2000. p.46-67.

PUTNAM, L. L. Paradigms for organizational communication research: An overview and synthesis. **The Western Journal of Speech Communication**, v.46, n.2, p.192-206, Spring, 1982.

PUTNAM, L. L.; PACANOWSKY, M. E. **Communication and organizations : an interpretive approach**. Beverly Hills: Sage Publications. 1983. 303 p. (Sage focus editions ; 65).

REIS, M. D. C. S. **Comunicação e mudança organizacional: da redução conceitual às lições empíricas**. XXVI Encontro Anual da Anpad. Salvador: Anpad, 2002.

SHEPHERD, G. J.; ST. JOHN, J.; STRIPHAS, T. G. **Communication as-- : perspectives on theory**. Thousand Oaks, Calif.: Sage Publications. 2006. xx, 276 p.

TAYLOR, J. R., et al. **The computerization of work: a communication perspective**. Thousand Oaks, Calif.: Sage Publications. 2001. 210 p.

TAYLOR, J. R.; VAN EVERY, E. J. **The emergent organization: communication as its site and surface**. Mahwah, N.J.: Lawrence Erlbaum Associates. 2000. xii, 351 p.

WESTWOOD, R. I.; LINSTED, S. **The language of organization**. London ; Thousand Oaks, CA.: SAGE. 2001. x, 370 p.

WITMER, D. F. Communication and Recovery: Structuration as an Ontological Approach to Organizational Culture. **Communication Monographs**, v.64, n.4, p.324-349, Dec, 1997.